

O USO DE *MOUTHING* NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA PARA A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS¹

Carlos Henrique Rodrigues
Universidade Federal de Santa Catarina
InterTrads – UFSC

Davi Vieira Medeiros
Universidade Federal de Juiz de Fora
InterTrads – UFSC

Introdução

Neste texto, apresentamos um breve recorte de uma pesquisa que investiga a presença e o uso de *mouthings* na interpretação simultânea do Português Oral (PTo) para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). A pesquisa tem como objetivo estudar a ocorrência de *mouthing* como estratégia tradutória característica de processos tradutórios e interpretativos intermodais, ou seja, de processos que, além de serem interlinguísticos, ocorrem entre uma língua de modalidade vocal-auditiva e outra de modalidade gesto-visual.

Consideramos, para fins de análise dos dados, a diferença básica entre *mouthings* (articulação oral das palavras, palavras visuais) e *mouth gestures* (movimentos de boca próprios dos sinais, morfemas boca) (SUTTON-SPENCE, BOYES BRAEM, 2001; SUTTON-SPENCE, DAY, 2001; SUTTON-SPENCE, 2007). Com base nessa definição, focamos nossa análise no uso dos *mouthings* durante a interpretação simultânea intermodal. Nesse sentido, foi necessário identificar tanto os *mouthings* quanto os *mouth gestures*, já que os elementos decorrentes dos movimentos da boca que não correspondem à articulação oral das palavras, palavras visuais, não são interesse de nossa análise.

Para o desenvolvimento da pesquisa, assumimos dados sobre a interpretação simultânea do PTo para a Libras feita por intérpretes experientes nativos (CODAs) e não nativos (não CODAs) de um texto acadêmico falado, correspondente a uma palestra acadêmica. Para a

¹ RODRIGUES, Carlos Henrique; MEDEIROS, Davi Vieira. O USO DE *MOUTHING* NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA PARA A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS. In: V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-15.

transcrição, a categorização e a análise dos dados, utilizamos o ELAN² (*EUDICO Linguistic Annotator*) e o arcabouço da Teoria da Relevância aplicada à tradução (GUTT, 1991; ALVES, 2001).

Observamos que a possibilidade de os intérpretes intermodais realizarem o *code-blend*, em outras palavras, de eles produzirem as duas línguas ao mesmo tempo, pronunciando palavras e sinais, simultaneamente, viabiliza o uso de *mouthings*, inclusive como uma estratégia de tradução, ao mesmo tempo em que exige desses intérpretes certa administração dessa possibilidade de uso concomitante de suas línguas de trabalho, ao contrário do que ocorre com intérpretes que atuam entre línguas de uma mesma modalidade (METZGER, QUADROS, 2012; RODRIGUES, 2013).

Vimos também que existem diferentes *mouthings*, durante a interpretação simultânea do PTo para a Libras, sendo que parte deles pode ser vista como estratégia tradutória, visando à maximização da semelhança interpretativa, seja por meio da desambiguação (especificação do significado), seja por meio da ampliação de informações disponíveis ao público surdo, complementando o significado do sinal, por exemplo.

Por fim, notamos que o uso de *mouthings* como estratégia tradutória parece estar relacionado à preocupação do intérprete intermodal com a maneira por meio da qual sua interpretação será compreendida pelo público – como se dará o processo inferencial do surdo. Vale mencionar que a atribuição de semelhança interpretativa se faz, também, pela busca, ou potencialização, de efeitos cognitivos (GUTT, 1991; ALVES, 2001).

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que o monitoramento da interpretação é orientado, inclusive, pela preocupação do intérprete em oferecer elementos, em sua interpretação, que possibilitem aos surdos uma melhor compreensão do que está sendo dito, exigindo, assim, por parte do público, menos esforço e, por sua vez, um efeito cognitivo satisfatório. Portanto, os *mouthings* podem ser empregados como uma profícua estratégia de tradução, visando à maximização da semelhança interpretativa e, por sua vez, dos efeitos contextuais pretendidos.

A modalidade gesto-visual e as línguas de sinais

Atualmente, há certo consenso em relação ao fato de as línguas poderem se manifestar em duas diferentes modalidades: a vocal-auditiva e a gesto-visual. A distinção entre as

² O *EUDICO Language Annotator* pode ser baixado no site <http://www.lat-mpi.eu/tools/elan/> em versões compatíveis com Windows e Mac. No site encontram-se todas as informações sobre o *software*, bem como manuais e um fórum de usuários.

modalidades de língua estaria basicamente em sua articulação e recepção. Nas línguas vocais-auditivas, a articulação da fala é praticamente invisível, já que ocorre quase totalmente de forma interna ao corpo; já nas línguas gesto-visuais, a fala se articula de forma externa ao corpo, já que o corpo constitui língua de forma visível, aparente e explícita. Meier destaca que

[...] os articuladores orais são pequenos e basicamente ocultos dentro da cavidade oral, fato de apenas alguns dos seus movimentos serem visíveis para os destinatários, o que faz com que a leitura labial seja falha como forma de compreensão da fala. Em contraposição, os articuladores manuais são relativamente grandes. Além disso, os articuladores dos sinais são emparelhados; a produção de muitos sinais envolve a ação coordenada dos braços e das mãos. (MEIER, 2004, p.7, 8, tradução nossa).

As línguas orais são dependentes da sonoridade, visto que possuem uma produção de fala audível. Por outro lado, as línguas de sinais se baseiam na visualidade, já que sua produção de fala é visível. Portanto, enquanto as línguas orais são percebidas pela audição, as de sinais são percebidas pela visão. Segundo Meier (2004, p.11, tradução nossa),

o meio para a fala é fundamentalmente unidimensional; a fala se realiza ao longo do tempo. Todavia, as línguas de sinais são transmitidas através de um meio multidimensional: as características articulatórias e perceptuais da modalidade gestual-visual dão acesso às línguas de sinais por quatro dimensões de espaço e de tempo.

Observa-se, pois, que nas línguas de sinais o corpo constitui língua não somente com os movimentos dos braços e das mãos (pulsos, dedos), visto que a cabeça e as expressões da face (olhos, bochecha, boca) e, até mesmo, o tronco (pescoço, ombros, cintura) são partes dos sinais. Devido aos mecanismos de produção das duas línguas, temos que nas línguas orais a linearidade é mais explorada, enquanto nas de sinais a simultaneidade se destaca. Nas palavras de Brito (1995, p.36),

a diferença básica entre as duas modalidades de língua não está, porém, no uso do aparelho fonador ou no uso das mãos no espaço, e sim em certas características da organização fonológica das duas modalidades: a linearidade, mais explorada nas línguas orais, e a simultaneidade, que é a característica básica das línguas de sinais.

Diversos estudiosos das línguas de sinais desenvolveram pesquisas voltadas à compreensão de efeitos da modalidade gesto-visual sobre as línguas. Essas pesquisas consideraram desde a organização fonológica das línguas até o seu plano discursivo, no qual os

sentidos são contextualmente construídos. De modo geral, essas pesquisas evidenciaram que a modalidade traz implicações nos níveis de interface articulatório-perceptual e de interface conceptual (QUADROS, 2006).

Ainda que as línguas orais e as línguas de sinais tenham muitas similaridades, atualmente, não restam dúvidas de que estas não sejam dependentes de preposições, de conjunções e de artigos; estabelecem relações sintáticas por meio do espaço; exploram a simultaneidade na formação de sinais e de enunciados; permitem que sinais sejam densamente enriquecidos com informações gramaticais; e podem ser definidas como mais sintéticas, se comparadas às línguas vocais-auditivas (KLIMA; BELLUGI, 1979; BRITO, 1995; MEIER, 2004; QUADROS; KARNOPP, 2004).

Portanto, é evidente que as línguas sinalizadas possuem características distintas das línguas orais, as quais estão vinculadas às diferentes propriedades de seus articuladores e de sua recepção visual, o que favorece a exploração da simultaneidade, a economia na produção linguística, dentre outros dispositivos linguísticos específicos que contribuem, por exemplo, com o uso de sinais mais densamente enriquecidos.

A interpretação simultânea intermodal

Diversos autores do campo dos Estudos da Tradução e dos Estudos da Interpretação consideram a natureza especificamente oral da interpretação como sua característica fundamental (MEAD, 1999; PAGURA, 2003, 2015; GILE, 1998; ALVES, PAGURA, 2002, dentre outros). Segundo Gile (2009, p. 51, tradução nossa), “interpretação é a tradução oral ou sinalizada do discurso oral ou em sinais, como oposta à tradução oral de textos escritos, mais tarde conhecida como tradução à prima vista”.

Entretanto, existem também aqueles estudiosos que acreditam que a definição de interpretação em contraposição à definição de tradução, propriamente dita, não pode ficar restrita à dualidade: texto escrito *versus* discurso oral. Nesse sentido, defende-se que alguns outros critérios precisam ser levados em consideração, tanto para a definição e, por sua vez, conceituação de interpretação, quanto para a diferenciação entre a tradução, propriamente dita, e a interpretação.

Pöchhacker (2004) tenta se afastar da dicotomia escrito *versus* oral considerada fundamental à distinção e à conceituação, respectivamente, de tradução e de interpretação. Em sua perspectiva, ainda que a interpretação seja vista como uma forma especial de tradução, em seu sentido hiperonômico, ou seja, como “[...] tradução humana em ‘tempo real’, em um

contexto comunicativo essencialmente compartilhado” (PÖCHHACKER, 2009, p.128, tradução nossa), há que se considerar o caráter imediato/instantâneo (*immediacy*, “*here and now*”) como um traço distintivo fundamental dos processos interpretativos.

A reflexão proposta por Pöchhacker parte das perspectivas apresentadas por Kade, na década de 1960, para o qual a interpretação seria uma forma de tradução em que “[...] o texto fonte é apresentado apenas uma vez e, portanto, não pode ser revisto ou reproduzido; e o texto alvo é produzido sob pressão de tempo, com pouca possibilidade de correção e de revisão” (KADE, 1968 apud PÖCHHACKER, 2004, p.10, tradução nossa). Por tanto, baseando-se na noção de caráter imediato e de oferecimento efêmero, Pöchhacker define a interpretação como “[...] uma atividade de translação em que a versão inicial e final em outra língua é produzida com base no tempo de oferecimento de um enunciado (ou texto) na língua fonte” (PÖCHHACKER, 2009, p.133, tradução nossa).

De maneira geral, a interpretação se caracteriza pelo contato do intérprete com o texto oral em fluxo, em seu ato imediato de produção, pois o texto é fugaz. Assim, o intérprete precisa oferecer a interpretação numa situação contextual em que o público se faz presente, já que o lapso temporal entre o conhecimento do texto e a sua interpretação diante do público é pequeno, não sendo viável o planejamento prévio. O texto final da interpretação é efêmero e, por sua vez, não possui um registro automático. Nessa direção, Pires Pereira define a interpretação como “um fenômeno da tradução geral (língua A ↔ língua B), apresentado, em língua meta, na língua falada (oral, sinalizada ou tátil), com ou sem possibilidade de preparação e ensaio, no qual o corpo do intérprete é, além de meio de produção, a apresentação do produto” (PIRES PEREIRA, 2015, p.51).

É importante dizer que existem diferentes modos de interpretação, dentre os quais podemos destacar a interpretação simultânea, a interpretação consecutiva, a interpretação intermitente e a interpretação sussurrada (PAGURA, 2003, 2015). Cada um desses modos de interpretação possui especificidades operacionais e cognitivas. Neste texto, nosso foco é a interpretação simultânea, a qual Rodrigues (2013, p.38) define como “a realização de uma translação da enunciação de um texto de uma língua para outra, sob a pressão de tempo, sendo que o TA [texto alvo] deve ser oferecido obrigatória e imediatamente em sua versão final, ou seja, em sua primeira e única produção, segundo o tempo de oferecimento do TF [texto fonte]”.

Todavia, abordamos a interpretação simultânea intermodal, a qual ocorre do PTo para a Libras, que também está em sua expressividade oral; mais especificamente, abordamos a sinalização, pois se parte da língua oral, como texto fonte (TF), para a língua de sinais, como texto alvo (TA). É evidente que a interpretação exige que o profissional domine as nuances da

expressão oral das línguas envolvidas no processo (sutilezas de pronúncia, nuances de entonação, variantes regionais, etc.). Ao englobar duas línguas e duas modalidades, a interpretação simultânea é, portanto, qualificada como interlinguística-intermodal. Vale reiterar que, no caso da interpretação estudada aqui, o profissional não se limita ao domínio da expressão oral numa única modalidade língua, pois nesse caso estão envolvidas duas modalidades.

A interpretação interlinguística-intermodal é uma atividade bem comum e, inclusive, responsável pela visibilidade das línguas de sinais nos Estudos da Tradução e nos Estudos da Interpretação (RODRIGUES, BEER, 2015). Na maioria das vezes, nesse tipo de atividade interpretativa, nem se utiliza, necessariamente, cabines ou equipamentos tecnológicos (salvo em grandes eventos, em que o intérprete seja projetado em telões, e em casos em que o produto final seja oferecido na língua oral). Isso ocorre devido à diferença de modalidade, o que faz com que as línguas se realizem por diferentes meios, podendo as duas, assim, ser expressas e recebidas sem uma interferir ou impedir a manifestação da outra.

É evidente que devido à modalidade da língua de sinais o intérprete, necessariamente, apresente-se fisicamente, estando sempre visível: o corpo se manifesta como língua diante do público. Esse fato faz com que o texto não possa ser separado de sua encenação (QUADROS; SOUZA, 2008). Além disso, a interpretação interlinguística-intermodal, do PTo para a Libras, possibilita a sobreposição de modalidades, visto que os intérpretes podem empregar, concomitantemente, os sinais, produzidos, prioritariamente, pelas mãos, e as palavras, visíveis na produção dos movimentos labiais (QUADROS; SOUZA, 2008; RODRIGUES, 2013). De acordo com Metzger e Quadros (2012, p. 43, tradução nossa),

bilíngues monomodais podem selecionar palavras de qualquer uma das línguas (isto é, *code-switching*). No entanto, devido ao fato de só poderem articular as palavras de uma das línguas de cada vez, suas decisões cognitivas se manifestam em apenas uma das línguas de cada vez. Bilíngues bimodais não sofrem essa restrição. Grupos distintos de articuladores possibilitam que os bilíngues bimodais façam *code-blend* por meio da coprodução de sinalização e vocalização e, deste modo, produzam palavras de duas línguas simultaneamente.

Os intérpretes intermodais, ao realizarem a interpretação simultânea, não precisam interromper sua sinalização para falar oralmente e/ou parar sua fala oral para sinalizar (METZGER, QUADROS, 2012, RODRIGUES, 2013). Essa possibilidade de *code-blend*, em outras palavras, de produzir as duas línguas ao mesmo tempo, de pronunciar palavras e sinais simultaneamente, exige desses intérpretes, ao contrário do que ocorre com os intérpretes

monomodais, a capacidade de saber como usar ou não essa possibilidade, inclusive como uma estratégia de tradução.

***Mouthings*: definição e características**

Tanto as línguas de modalidade vocal-auditiva, quanto as línguas de modalidade gesto-visual possuem *movimentos de boca*, ainda que esses movimentos possam ter funções e significados distintos. Os falantes de línguas de sinais, surdos ou ouvintes, nativos ou não, utilizam diversos movimentos de boca durante a sinalização. Esses movimentos tanto podem ter relação com a pronúncia de palavras da língua oral, quanto podem não ter nenhum tipo de relação com os movimentos de boca usados na pronúncia dessas palavras orais. É interessante destacar que os movimentos de boca usados nas línguas de sinais que têm origem nas línguas orais são variáveis e que, portanto,

[...] por vezes, um sinal, ao ser realizado isoladamente, é produzido com um significativo *mouthing*. Entretanto, esse mesmo sinal, quando produzido em um dado contexto, pode não apresentar absolutamente nenhum *mouthing*, um *mouthing* muito limitado ou ainda evidenciar um componente oral (ou *mouth gesture*) que não esteja relacionado com a língua falada. (SCHERMER, 2001, p.273, tradução nossa).

Atualmente, os estudos sobre as línguas de sinais têm apontado uma distinção entre dois tipos de movimentos de boca nas línguas de sinais: (i) os *mouthings*, compreendidos como aqueles movimentos da boca, presentes nas línguas de sinais, que são derivados da pronúncia das línguas orais, que são um tipo de palavra visual; e (ii) os *mouth gestures*, definidos como aqueles movimentos próprios da boca, componentes orais presentes nas línguas de sinais, que não possuem correspondência direta com a pronúncia das línguas orais, e que são um tipo de gesto idiomático inerente às línguas de sinais (SUTTON-SPENCE, BOYES BRAEM, 2001; SCHERMER, 2001; SUTTON-SPENCE, DAY, 2001; VOGT-SVENDESEN, 2001; SUTTON-SPENCE, 2007).

No decorrer das últimas três décadas, diversos estudos sobre os movimentos de boca nas línguas de sinais permitiram que tais movimentos fossem abordados e pensados, a partir de diferentes pontos de vista. Para além da clássica categorização distintiva que adotamos aqui entre *mouthings* e *mouth gestures*, existem, inclusive, reflexões e pesquisas que discutem se devemos ou não os abordar e os tratar separadamente, já que eles podem ser vistos como correspondentes a um único tipo de movimento de boca. Independentemente disso, a

bibliografia especializada defende que os movimentos de boca são parte constitutiva das línguas de sinais, e, além disso, permite-nos traçar uma distinção entre esses dois tipos específicos de movimento de boca.

É importante dizer que em diversos países, no decorrer dos últimos sessenta anos, diferentes olhares, crenças e mitos foram criados e propagados sobre os movimentos de boca nas línguas de sinais. Tais movimentos foram alvo de diversas reações, tanto de surdos quanto de ouvintes, que buscavam minimizá-los ou, até mesmo, eliminá-los das línguas de sinais (VOGT-SVENDESEN, 2001). Essa perspectiva depreciativa dos movimentos de boca influenciou, inclusive, diversos intérpretes de línguas de sinais, ao ponto de definirem que um bom intérprete de sinais era aquele que mantinha sua boca totalmente fechada, durante a interpretação, dando destaque a expressões faciais e corporais sem a pronúncia de palavras ou outros movimentos que pudessem remeter à língua oral.

É evidente que existem diferentes movimentos de boca que podem acompanhar os sinais, os quais podem variar desde um aspecto pessoal, ou seja, quem está usando a língua, até um aspecto social mais amplo, por exemplo, a forma como o grupo e a comunidade lidam com os movimentos de boca. Além disso, podemos encontrar grupos e comunidades surdas que usam mais ou menos movimentos de bocas, assim como línguas de sinais que exploram mais ou menos essa característica. Assim, nosso interesse neste texto não é realizar uma discussão acerca dos *mouthings* ou dos *mouth gestures* na Libras, em relação à etimologia, à estrutura, à natureza, às propriedades, aos usos, às funções, etc. Na verdade, nossa proposta é estudar como os *mouthings*, excluindo-se os *mouth gestures*, aparecem na interpretação simultânea do PTo para a Libras, e refletir sobre a sua possível manifestação enquanto estratégia tradutória intermodal.

O desenho experimental: coleta, transcrição e análise dos dados

Para este artigo, apresentaremos e analisaremos, brevemente, os dados decorrentes de uma pesquisa de caráter empírico-experimental mais ampla e com mais sujeitos. Portanto, apresentaremos somente um recorte da análise dos *mouthings* decorrentes de dois sujeitos. Os sujeitos são intérpretes experientes com mais de dez anos de atuação profissional como intérpretes de língua de sinais. Foi solicitado a esses intérpretes que realizassem a interpretação simultânea de um texto do PTo para a Libras. Esse TF é uma exposição acadêmica sobre um tema comum aos profissionais intérpretes. Vale destacar que o texto é um discurso oral

espontâneo numa velocidade considerada normal, o qual vai sendo planejado ao mesmo tempo em que é produzido. Sua duração total é de 13'30".

Os dados foram coletados em três etapas: Etapa A (Tarefa) – interpretação simultânea do texto (disponibilizado em áudio); Etapa B (Protocolo Verbal Livre) – contato com a interpretação e coleta livre dos TAPs Retrospectivos e Etapa C (Protocolo Verbal Dirigido) – foco em um trecho específico da interpretação e coleta dos TAPs direcionada por perguntas. Todos os dados foram devidamente organizados e sistematizados. Para a transcrição da interpretação e, por sua vez, a identificação e o registro dos *mouthings* usamos o ELAN (EUDICO *Linguistic Annotator*) desenvolvido pelo *Max Planck Institute for Psycholinguistics*, uma ferramenta que permite a criação, edição, visualização e busca de transcrições/anotações através de dados de vídeo e áudio.

A representação dos dados e uma primeira análise

A transcrição das interpretações no ELAN seguiu duas etapas específicas: a primeira consistiu na identificação livre e na segmentação de cada elemento do TA referente a cada sinal; a segunda consistiu na identificação de cada um dos sinais no Novo Deit-Libras (CAPOVILLA, RAPHAEL, MAURÍCIO, 2010), padronizando-se as glosas e realizando as anotações em cada uma das trilhas. Após isso, procedemos a identificação dos sinais com *mouthings*, os quais foram registrados numa trilha específica, com o objetivo de excluir os sinais que possuíssem *mouth gestures*. Encontramos o seguinte:

Intérprete	Total de Sinais do TA	Total de Mouthings	Porcentagem de ocorrência
Intérprete1	1228	681	55,45%
Intérprete2	1173	371	31,63%

Tabela 1 – Total de Sinais com *Mouthing*

Esses números evidenciam que o uso de *mouthing* é uma prática comum na interpretação simultânea do PTo para a Libras. Nos dois casos exemplificados aqui, mais de 30% do total de sinais da interpretação possuem algum tipo de movimento de boca derivado da pronúncia de palavras do PTo, ou seja, há a presença de algum tipo de palavra visual durante a interpretação em Libras. Vale mencionar que consideramos os sinais sem o apoio da pronúncia de palavras de línguas orais como sinais neutros, sem *mouthing*. Não abordaremos, porém, esses sinais no presente texto.

Para além dos dados apresentados aqui, as demais interpretações que estão sendo analisadas na pesquisa possuem, também, um número significativo de *mouthings*. Vale dizer que basta observarmos os intérpretes de sinais em atuação nos diferentes contextos e situações cotidianas para que identifiquemos o constante uso da pronúncia típica de línguas orais, durante a interpretação em sinais.

Os *mouthings* encontrados não possuem um padrão único, já que podemos observar, pelo menos, dois diferentes tipos, em relação ao emprego da pronúncia da palavra da língua oral, a saber: (i) a pronúncia da palavra completa e claramente inteligível; e (ii) a pronúncia incompleta, com seleção de partes das palavras.

Intérprete	Pronúncia completa	Pronúncia Parcial
Intérprete1	629	52
Intérprete2	292	79

Tabela 2 – Tipos de pronúncias

Outro aspecto interessante, em relação à pronúncia selecionada para compor a interpretação em sinais, na forma de *mouthing*, é que em alguns casos essa pronúncia se difere bastante do sinal que ela acompanha, não estando diretamente vinculada ao significado que ele possui ou ao sentido que ele evoca. O intérprete1 empregou trinta e sete *mouthings* com essa característica, o correspondente a 5,43% do total de *mouthings* realizado por esse intérprete; o intérprete2, por sua vez, empregou trinta e seis, correspondendo a 9,70% dos *mouthings* que ele realizara.

Buscamos verificar, brevemente, as possíveis categorias de sinais que possuem uma incidência maior de *mouthing*. Notamos que, no geral, os verbos se destacaram, mas para uma consideração mais aprofundada teremos que proceder a outras contabilizações que nos permitam realizar análises comparativas em relação ao total de verbos empregados, durante a interpretação como um todo, por exemplo. Vejamos o que encontramos:

Intérprete	Ver.	Nom.	Adv.	Pro.	Adj.	Con.	Pre.	Int.	Num.
Intérprete1	234	155	88	75	113	12	-	-	04
Intérprete2	118	90	39	27	66	21	02	01	07

Legenda: Ver. – verbo; Nom. – Nome; Adv. – advérbio; Pro. – pronome; Adj. – adjetivo; Con. – conjunção; Pre. – preposição; Int. – interjeição; Num. – numeral.

Tabela 3 – Categorias de *Mouthings*

Acima, vemos a distribuição do número de *mouthings* por categoria. Encontramos sinais com *mouthing* cuja pronúncia implica uma alteração da categoria do sinal quando, por exemplo, o *mouthing* faz do verbo um nome, ou do nome um verbo, ou mesmo um adjetivo. Esse caso foi observado dezoito vezes no intérprete1 e cinco vezes no intérprete2. Para além dos sinais, encontramos também as datilologias que possuem *mouthing*, as quais aparecem vinte e uma vezes no intérprete1 e dezenove vezes no intérprete2.

Essa breve apresentação e análise geral dos dados, permite-nos observar que o uso dos *mouthings* é uma realidade na interpretação simultânea para a língua de sinais e que esses *mouthings* compreendem tanto uma reprodução completa da pronúncia das palavras da língua oral, quanto uma pronúncia de partes dessas palavras. Além disso, esses *mouthings* acompanham sinais de diferentes categorias e, até mesmo, atuam como um mecanismo que altera a categoria do sinal.

Esse uso produtivo dos *mouthings* leva-nos a pensar sobre suas funções durante a interpretação, já que parte desses *mouthings* se apresenta como estratégia tradutória, visando, por exemplo, à maximização da semelhança interpretativa entre o TF e o TA e, por sua vez, efeitos contextuais congruentes.

Os mouthings e sua função na interpretação simultânea para Libras

Percebemos, basicamente, que podemos agrupar os *mouthings* que apareceram durante a interpretação simultânea do PTo para a Libras em três categorias específicas, de acordo com suas funções: (i) desambiguar os sinais (especificação do significado); (ii) ampliar informações disponíveis ao público surdo (complemento ao significado do sinal); e, por fim, aqueles (iii) sem uma motivação aparente (muitos dos quais parecem estar bem próximos dos *mouth gestures*). Esta última categoria tem sido problematizada por nós, no sentido de definirmos se, de fato, alguns dos movimentos de boca nela alocados são *mouthings* ou, na verdade, *mouth gestures*. Essa questão parece sinalizar a existência de uma linha muito tênue entre esses dois tipos de movimentos de boca.

Intérprete	Desambiguar os sinais		Ampliar informações		Sem motivação aparente	
Intérprete1	132	19,38%	86	12,63%	463	67,99%
Intérprete2	55	14,82%	71	19,14%	245	66,04%

Tabela 4 – Total de Sinais com *Mouthing*

O *mouthing de desambiguação* funciona como uma forma de especificar o significado do sinal empregado na interpretação. Vimos que ele pode indicar: (i) uma mudança de categoria (como por exemplo: ENSINAR/ENSINO, SOCIEDADE/SOCIAL, CULTURA/CULTURAL, HISTÓRIA/LEMBRAR); (ii) uma restrição à polissemia do sinal (como por exemplo: HOJE/AGORA, DIREITO/PESSOA-COM-DEFICIÊNCIA); (iii) uma especificação de dêiticos e referentes (por exemplo, com um APONTAR para definir: lá, aqui, ela, esse, o, etc.); (iv) uma distinção entre pares mínimos ou sinais similares (AMANHÃ/FÁCIL, OUTRO/DE-NOVO); e (v) uma distinção conceitual (por exemplo, LINGUÍSTICA, L1, L2, ORALISMO, BILÍNGUE).

O *mouthing de ampliação de informações* funciona como um complemento ao significado do sinal por meio do acréscimo de informações e, portanto, da expansão de pistas contextuais e de dados disponíveis ao público durante a sinalização. Observamos que esse tipo de *mouthing* pode: (i) destacar a palavra originalmente apresentada na língua fonte, ou o conceito em relação ao sinal empregado, devido à existência de outras possibilidades de significação (acompanhando, por exemplo, as datilologias e os numerais, ou sinais do tipo ORALISMO e LINGUA-DE-SINAIS – em momentos específicos da interpretação, esses sinais aparecem acompanhados, respectivamente, dos *mouthings* “oralismo” e “Libras” pelo intérprete¹, para que eles não sejam entendidos, por exemplo, como a “prática oralizadora” ou, no geral, como “línguas de sinais”); (ii) atuar como ênfase ao sinal ou enriquecê-lo (como, por exemplo, no uso do sinal POR-QUE usado para marcar uma pergunta, em que o intérprete² além das marcas interrogativas inerentes a esse sinal, utiliza o *mouthing* “por quê?”; e, também, no uso do sinal MINORIA pelo intérprete¹, acompanhado do *mouthing* “é”, o qual enriquece a interpretação – no caso, indicando que o surdo é falante de uma língua que é minoritária – e, conseqüentemente, dispensando a necessidade de uso de um sinal para É); e (iii) evidenciar informações morfológicas necessárias à compreensão (como, por exemplo, a indicação de tempo, de número e de pessoa).

Encontramos também os *mouthings sem motivação aparente*, os quais parecem não ser uma estratégia de tradução. Na verdade, eles parecem evidenciar a condição bilíngue do intérprete, a sua possibilidade de usar o *code-blend*, ou, até mesmo, um momento em que haja alguma queda no controle executivo, ou seja, no monitoramento de quando usar ou não o *mouthing*, durante a interpretação.

Considerações Finais

Com base nas reflexões aqui apresentadas, podemos afirmar que o processo de interpretação simultânea intermodal do PTo para Libras, definido como sinalização, possui características específicas e, inclusive, possibilita o uso de recursos linguísticos e, por sua vez, de estratégias interpretativas únicas, como é o caso dos *mouthings* que só são possíveis na interpretação que parte de uma língua de modalidade vocal-auditiva para uma língua de modalidade espaço-visual.

Considerando a pronúncia das palavras da língua oral que acompanham os sinais, durante a interpretação, vimos que podemos pensar, *a priori*, em dois tipos de *mouthings* (de pronúncia completa e de pronúncia parcial) e em três categorias, se considerarmos sua função (de desambiguação, de ampliação de informações e sem uma motivação aparente). Esses movimentos de boca, palavras visuais, podem ser vistos como estratégias tradutórias, visando à maximização da semelhança interpretativa e, por sua vez, dos efeitos contextuais pretendidos.

De qualquer forma, embora nossa pesquisa ainda esteja em fase inicial de categorização e de análise, os dados já evidenciam algumas importantes questões relacionadas aos efeitos de modalidade sobre a língua de sinais e sobre o intérprete intermodal, no que se refere ao uso dos *mouthings* como estratégia de tradução.

Referências

ALVES, F. Teoria da Relevância e os Estudos da Tradução: perspectivas e desdobramentos. In: ALVES, F. (Org.) **Teoria da Relevância & Tradução: conceituações e aplicações**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001. p.15-34.

ALVES, F., PAGURA, R. The interface between written translation and simultaneous interpretation: instances of cognitive management with a special focus on the memory issue. **Proceedings of the XVI World Congress of the International Federation of Translators: Ideas for a New Century**. Vancouver: University of British Columbia, 2002, p. 73-80.

BOYES BRAEM, P.; SUTTON-SPENCE, R. (Org.). **The Hands are the Head of the Mouth**. The Mouth as Articulator in Sign Languages. Hamburg, Alemanha: Signum-Verlag, 2001.

BRITO, L. F. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. **Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo: Edusp, 2010.

- GILE, D. Conference and simultaneous interpreting. In: BAKER, M. (Org.) **Routledge encyclopedia of translation studies**. Londres; Nova York: Routledge, 1998, p.40-45.
- GILE, D., Conference Interpreting: historical and cognitive perspectives. In: BAKER, M., SALDANHA, G. (Eds.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. 2.ed. Londres: Routledge, 2009. p.51-56.
- GUTT, E. A. **Translation and relevance: cognition and context**. London: Blackwell, 1991.
- KADE, O. Kommunikationswissenschaftliche Probleme der Translation. In: **Beihefte zur Zeitschrift Fremdsprachen II**, VEB Verlag Leipzig, 1968, p.3-19.
- KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The Signs of Language**. Cambridge: Harward University Press, 1979.
- MEAD, P. Interpreting: The Lexicographers' View, **The Interpreters Newsletter**. n.9, 1999, p.199-209.
- MEIER, R. P. Why different, why the same? explaining effects and non-effects of modality upon linguistic structure in sign and speech. In: MEIER, R. P; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. **Modality and structure in signed and spoken languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p.1-25.
- METZGER, M.; QUADROS, R. M. Cognitive Control in Intermodal Bilingual Interpreters. In: QUADROS, R. M.; FLEETWOOD, E.; METZGER, M. **Signed Language Interpreting in Brazil**. Washington D.C.: Gallaudet University Press, 2012. p. 43-56.
- PAGURA, R. J. A Interpretação de Conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. **DELTA**, v.19, esp. 2003. p.209-236.
- PAGURA, R. J. Tradução & Interpretação. In: AMORIM, L. M.; RODRIGUES, C. C.; STUPIELLO, E. N. A. **Tradução &: perspectivas teóricas e práticas**. São Paulo: Unesp Digital, 2015. p.183-207
- PIRES PEREIRA, M. C. Reflexões sobre a tipologia da interpretação de línguas de sinais. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 46-77, out. 2015.
- PÖCHHACKER, F. **Introducing interpreting studies**. London: Routledge, 2004.
- PÖCHHACKER, F. Issues in Interpreting Studies. In: MUNDAY, J. **The Routledge Companion to Translation Studies**. London: Routledge. 2009, p. 128-140.
- QUADROS, R. M. Efeitos de Modalidade de Língua: as Línguas de Sinais. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v.7, n.2, p.168-178, jun. 2006.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.
- QUADROS, R. M.; SOUZA, S. X. Aspectos da tradução/ encenação na língua de sinais brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras Libras. In: QUADROS, R. M. (Org.). **Estudos Surdos III**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008, v. III, p. 170-209.

RODRIGUES, C. H. **A interpretação para a Língua de Sinais Brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais.** Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

RODRIGUES, C. H.; BEER, H. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente?. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 17-45, out. 2015.

SCHERMER, T. The Role of Mouthings in Sign Language of the Netherland: some implications for the production of Sign Language Dictionaries. In: BOYES BRAEM, P.; SUTTON-SPENCE, R. (Org.). **The Hands are the Head of the Mouth.** The Mouth as Articulator in Sign Languages. Hamburg, Alemanha: Signum-Verlag, 2001. p.51-62.

SUTTON-SPENCE, R. Mouthings and Simultaneity in British Sign Language. In: VERMEERBERGEN, M.; LEESON, L.; CRASBORN, O. (Org.). **Simultaneity in Signed Languages: Form and Function.** Amsterdam: John Benjamins, 2007, p. 147-162.

SUTTON-SPENCE, R. L.; DAY, L. Mouthings and Mouth Gestures in British Sign Language (BSL). In: BOYES BRAEM, P.; SUTTON-SPENCE, R. (Org.). **The Hands are the Head of the Mouth.** The Mouth as Articulator in Sign Languages. Hamburg, Alemanha: Signum-Verlag, 2001. p. 69-85.

VOGT-SVENDESEN, M. A comparison of mouth gestures and mouthings in Norwegian Sign Language (NSL). In: BOYES BRAEM, P.; SUTTON-SPENCE, R. (Org.). **The Hands are the Head of the Mouth.** The Mouth as Articulator in Sign Languages. Hamburg, Alemanha: Signum-Verlag, 2001. p.9-39.